

Ensino Híbrido e Educação Integral

MARIA ANTONIA GOULART

A educação integral já ocupa um lugar de destaque nos debates educacionais brasileiros desde o início dos anos 90 e vem se consolidando não como simples ampliação do tempo, mas como concepção voltada ao desenvolvimento integral do estudante em todas as suas dimensões - intelectual, física, social, emocional e cultural¹. Ou seja, mais do que pensar no aumento do número de horas que os estudantes passam na escola, o que se coloca como central neste debate é a qualidade e pertinência da proposta curricular. Nesse sentido, a busca pela superação da fragmentação e do foco excessivo em conteúdos torna urgente a reflexão sobre o reconhecimento dos saberes da comunidade escolar, colocando os sujeitos e o território como eixos para o desenho de práticas pedagógicas inclusivas e contextualizadas.

Por outro lado, o ensino híbrido vem sendo debatido no Brasil há apenas alguns anos e ganhou mais destaque e relevância recentemente após a pandemia do COVID-19, que provocou as escolas a adotarem diversas estratégias de ensino, muitas mediadas pelas tecnologias. Por se tratar de um conceito novo, em muitos casos, a simples combinação de ensino presencial e remoto é chamada de ensino híbrido, mas o conceito vai muito além da oferta das duas modalidades.

Adotaremos aqui a definição de ensino híbrido como programa educacional formal no qual as oportunidades educativas são oferecidas de forma integrada numa combinação de atividades digitais com algum tipo de controle pelo estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou o ritmo e atividades presenciais supervisionadas (BACICH, TANZI NETO, TREVISANI, 2015; HORN e STAKER, 2015; GARRISON e VAUGHAN, 2008). Nesse sentido, vale destacar que os autores consideram como aspectos chave para a caracterização dessa prática que ela seja parte da oferta de um programa educacional formal, que nas atividades presenciais haja a supervisão de algum educador, que haja uma combinação de atividades presenciais e de mediadas por tecnologias, e que os estudantes

¹ Para saber mais sobre o conceito de Educação Integral, acesse:
<https://educacaointegral.org.br/conceito/>

possam ajustar aos seus perfis de aprendizagem o local, momento e ritmo com que realizam as atividades digitais.

O ensino híbrido articulado à educação integral vai além do foco na introdução das tecnologias e/ou do acesso à internet na escola com a diversificação de formas de aprendizagem e nesse sentido pode ser considerado uma estratégia bastante potente para articular escola e território e no apoio à implementação de processos de personalização.

A personalização, entendida como um conjunto de estratégias pedagógicas voltadas a promover o desenvolvimento dos estudantes de maneira individualizada, respeitando seus perfis de aprendizagem², implica considerar que os estudantes possuem conhecimentos prévios, competências e interesses diversos e que aprendem de diferentes formas e ritmos. Uma vez no centro do processo, é importante considerar formas de identificar interesses e saberes dos estudantes, bem como de oferecer trajetórias de aprendizagem distintas que dialoguem com seus perfis. Isto pode se dar por meio do uso de plataformas digitais que fornecem gráficos e dados de aproveitamento e resultados de aprendizagem³ e que sugerem atividades a serem realizadas com cada estudante e turma, mas não precisa se limitar aos recursos digitais.

O fundamental é que o educador planeje, implemente e reflita sobre as trajetórias de aprendizagem dos seus estudantes, lançando mão de estratégias e instrumentos variados para diagnóstico, planejamento de atividades e acompanhamento das aprendizagens. Esses instrumentos digitais e analógicos orientam a prática docente no sentido de diversificar as experiências dos estudantes, apoiar a aprendizagem profunda e tornar as aprendizagens visíveis.

Outro ponto central para a educação integral é considerar o território com seu potencial de oferecer contexto ao que se aprende, mas também como forma de conectar os conhecimentos nas perspectivas global e local. O território é o chão onde se pisa e reflete aspectos culturais, sociais, geográficos e políticos importantes para uma prática pedagógica contextualizada. É também reflexo das possibilidades e limitações que se vivencia no uso das tecnologias digitais nas escolas. Ele reflete as desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade e também apresenta caminhos possíveis para novos arranjos locais e globais para a superação das mesmas. Pensar o currículo sem considerar o território exclui do processo de aprendizagem elementos importantes ligados à identidade e cultura. A partir do ensino híbrido é possível aprofundar as formas como o território será articulado aos processos educativos, permitindo que os estudantes enriqueçam suas pesquisas por meio de recursos digitais nos momentos remotos ou na própria escola para compartilhar com seus pares nos momentos presenciais e com isso expandir as reflexões do grupo como um todo. Dessa forma, nas atividades coletivas o foco deixa de ser a transmissão de informações do professor para os estudantes e passa a ser o

² Para saber mais sobre o conceito de personalização, acesse: <https://personalizacao.porvir.org/>

³ plataformas tais como Google Forms e Mentimeter, entre outras.

compartilhamento e a reflexão crítica sobre as mesmas, produzindo conhecimentos significativos e desenvolvendo a autonomia⁴.

Nessa perspectiva, as tecnologias são usadas como recursos para o acesso e a produção de informação, atravessados por uma reflexão crítica em relação à forma como os conteúdos digitais são criados, distribuídos e consumidos. Sob essa perspectiva, buscamos evitar o uso das tecnologias de forma acrítica e as reconhecemos como reflexo do seu tempo, interesses e forças, impregnadas pelos pontos de vista dos seus criadores e, portanto, carregadas de vieses que circulam na sociedade.

Na educação integral, refletir sobre que processos subjazem e quais são disparados pelo uso das tecnologias é essencial para que elas sejam incorporadas ao currículo de forma crítica e buscando sua descolonização. Não há tecnologia neutra. O acesso ao conhecimento a partir das fontes prioritariamente européias e estadunidenses que, ao longo do tempo, vem ocorrendo nos currículos e materiais educativos do sul global do qual o Brasil faz parte leva inevitavelmente a reprodução de uma visão colonizada de mundo. É preciso questionar quem está produzindo os conhecimentos, a partir de que visões de mundo e pontos de vista, expandindo e trazendo outras perspectivas para os campos do conhecimento, que representem outros povos e narrativas historicamente excluídas.

Outra discussão importante para pensar a forma de introduzir as tecnologias na escola a partir da educação integral é sobre como a informação circula na atualidade. Os vieses discriminatórios dos algoritmos vêm sendo denunciados há algum tempo por pesquisadores que investigam discriminação a partir das novas tecnologias (Buolamwini, 2019; CORTIZ, 2018; O'NEIL, 2020). Ao tratar do uso das bases de dados utilizadas em políticas de segurança, justiça e crédito, dentre outras, é preciso refletir acerca de quais os padrões utilizados na criação dos códigos e sistemas digitais das plataformas e aplicativos. Se o padrão utilizado não problematiza o desequilíbrio de gênero e racial da sociedade, ele certamente estará reforçando essas disparidades. Um exemplo seria o relacionado à questão racial. Se pessoas negras são mais visadas pela polícia em situações de vigilância e os dados de perfis de abordagens policiais são utilizados para análise de probabilidade de reincidência ou constituição de perfil de crédito, não há dúvidas de que as pessoas negras serão apresentadas pelos sistemas como mais frequentes em reincidência e insolvência (O'NEIL, 2020). A forma de constituição da base de dados a ser utilizada é crucial para o seu uso crítico, ético e responsável, sob pena de perpetuação das desigualdades da sociedade.

Sendo assim, para além dos conceitos e modos de implementar o ensino híbrido nas escolas, é fundamental refletir sobre o porquê e o para que fazê-lo. Na educação integral, o ensino híbrido deve ser um elemento de fortalecimento de práticas pedagógicas inovadoras

⁴ Para acessar exemplos de práticas pedagógicas que integram os territórios, visite o site do Prêmio Territórios em: <https://premioterritorios.institutotomieohtake.org.br/>

que partam dos conhecimentos, saberes prévios e interesses dos estudantes, que os conectem com seus territórios e que promovam o pensamento crítico e criativo.

Referências

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando, M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BUOLAMWINI, Joy. **Gender Shades: Intersectional Accuracy Disparities in Commercial Gender Classification**. MIT Press, 2018.

CORTIZ, Diogo. **Inteligência Artificial: equidade, justiça e consequências**. Revista Panorama setorial da Internet número 1, maio 2020, Ano 12.

GARRISON, D. Randy; VAUGHAN, Norman D. **Blended learning in higher education: Framework, principles, and guidelines**. John Wiley & Sons, 2008.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather; CHRISTENSEN, Clayton. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Penso Editora, 2015.

O'NEIL, CATHY. **Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia**. Santo André (SP): Ed. Rua do Sabão, 2020.

WEFFORT, Helena F.; ANDRADE, Julia P., COSTA, Natacha. **Currículo e educação integral na prática: uma referência para estados e municípios**. São Paulo: Associação Cidade Escola Aprendiz, 2019.